

FATORES EXTERNOS NO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO DO PONTO NEVRÁLGICO DO BRASIL: O CENTRO-SUL - 1880-1930

ERIC BAKLANOFF *

INTRODUÇÃO

O período de formação do desenvolvimento econômico do Brasil, a partir de meados do século XIX até 1930, não pode ser entendido a menos que se o enquadre no contexto da economia internacional. O fulcro econômico brasileiro, a região centro-sul¹ modificou-se e transformou-se, inicialmente, graças ao mercado internacional de bens, capital e trabalho, mecanismo decisivo para a propagação do desenvolvimento econômico tanto da América Latina, como das “regiões de colonização recentes”.

Contrastando sensivelmente com os primeiros ciclos econômicos, baseados na exportação de um único produto (cujo monopólio esteve temporariamente com o Brasil), o período, em análise, caracterizou-se por uma rápida acumulação de técnica e capacidade de administrar estrangeiras assim como uma concentração de capital do exterior. Com o crescimento e disseminação da técnica e acumulação de capital *per capita* ocorre um deslocamento das fontes de energia. Essas deixam de ser o animal e o homem para passar a constituir novas funções produção que repletam a substituição das fontes energéticas pobres por ricas. O estágio de formação do desenvolvimento do centro-sul repousa sobre a acumulação rápida e combinação eficiente dos fatores de produção.

A região oferecia os recursos naturais e a mão-de-obra especializada. O resto do mundo fornecia grande parte do capital, capacidade técnica e empresariedade.

(*) Da Universidade de Louisiana.

1) O centro-sul compreende Minas Gerais e outros sete Estados litorâneos ao sul do Brasil: Espírito Santo, Rio de Janeiro, Guanabara, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Essa memória objetiva esclarecer a interdependência entre o desenvolvimento do Brasil e a economia que emergiu das condições mundiais de 1880 a 1930.

Analisar-se-á, cada um por sua vez, o papel dos fatores externos: o comércio de bens visíveis, a acumulação da dívida externa, a corrente imigratória e os investimentos diretos no que entende com a transformação da região centro-sul. Não deixa de ser significativo que, em 1930 a região estivesse às portas de sua incipiente revolução industrial: após algumas décadas de preparação, completaram-se as pre-condições para que ocorresse o progresso industrial do Brasil.

O DESLOCAMENTO DO CENTRO ECONÔMICO MUNDIAL DO REINO UNIDO PARA OS ESTADOS UNIDOS

A expansão da região centro-sul, na sua fase inicial, acha-se ligada à hegemonia econômica internacional do Reino Unido. Até a erupção da Primeira Guerra, o Reino Unido foi a principal fonte de importações do Brasil. Foi êle, também, que forneceu a parte leonina do capital, tanto no que concerne aos investimentos diretos como às operações financeiras. A Tabela II mostra que, em 1914 a participação do Reino Unido no estoque de capital estrangeiro era de mais ou menos 60%, ou seja, mais de dois terços da dívida externa do Brasil e cêrca da metade dos investimentos diretos. Os investimentos britânicos no Brasil, nêsse ano, eram de quase um quarto dos investimentos ingleses em tôda a América Latina. Dessa forma o Brasil participou da "idade áurea dos investimentos externos da Grã-Bretanha" integrando-se cada vez mais com a economia internacional através da expansão do comércio dos bens visíveis. O impacto dos investimentos e empreendimentos ingleses sôbre o desenvolvimento brasileiro foi descrito com felicidade por Paul Vanorden Shaw:

"A estrada de ferro Santos-Jundiaí (nacionalizada presentemente) uma das melhores do mundo, que facilitou a exportação cafeeira do interior de São Paulo, via Santos, e o transporte das mercadorias vindas por mar, para a capital paulista e interior, não obstante a serra íngreme, é um excelente exemplo dos serviços prestados pelo capital estrangeiro. A Leopoldina no Rio, as ferrovias do Nordeste, os portos e docas, os moinhos de trigo, as fábricas de calçados, as de tecidos, as companhias de navegação, as de seguro, os bancos e outras instituições, muitas pioneiras na história econômica do Brasil confirmam a citação que fiz no começo. A participação britânica foi "decisiva" na formação da estrutura econômica do Brasil. O empresário inglês era um constante modelo que o brasileiro copiava e ao qual se adaptava".²

2) "European and Asian Influences in the economic and Cultural development of Brazil". In — *Brazilian-american survey*. V. 12, n.º 6, p. 42.

TABELA I
BRASIL: INDICES DE CRESCIMENTO ECONÓMICO
1880 — 1929 (ou 1930)

FATORES DE PRODUÇÃO	1880	1914	1929 ou 1930
População (milhões) ¹	11,7	23,7 ^a	37,4
Ferrovias ²	3.400	24.900	32.000
Energia Elétrica ³	desprezível	152.000 Kw	700.000 Kw
Exportações ⁴	£ 21.000	£ 65.000	£ 95.000
Capital estrangeiro ⁵	190 milhões (dólares) ⁶	1,9 bilhões	2,6 bilhões

a) Em 1910

Fonte: 1) Ministério das Relações Exteriores: Brasil — Levantamento econômico, social e geográfico (Rio de Janeiro — 1940 — pág. 35).

2) Anuário Estatístico do Brasil — 1937 — pág. 850.

3) Ibidem — Pág. 849

4) Ibidem — Págs. 858-9

5) Tabela II

6) A dívida brasileira procedente de títulos emitidos em libras (públicas e particulares) montava a £ 39 milhões. Não há dados referentes ao investimento direto veja-se: Nações Unidas Departamento para os negócios econômicos e sociais. *Financiamento externo para a América Latina*. N. York — 1965 — pág. 9 — Tabela 4.

Entre 1880 e a Primeira Guerra Mundial, o Brasil experimentou um surto explosivo de atividades induzidas pelos investimentos externos (como se vê na Tabela I). O capital estrangeiro investido decuplicou (de 190 milhões de 1880 a 1,9 bilhões em 1914) a rede ferroviária expandiu-se sete vezes (ou seja, de 3.400 para 24.900) introduziu-se a energia elétrica e as exportações mais que triplicaram. A dívida externa pendente ascendia a pouco mais de 700 milhões de dólares em 1914, enquanto os investimentos diretos montavam a 1.2 bilhões distribuídos em ferrovias, centrais elétricas, serviços públicos urbanos, fábricas e empresas comerciais e financeiras.

O fluxo do capital estrangeiro para o Brasil acelerou seu ritmo depois da entrada do século, atingindo a média anual de 150 milhões entre 1909 e 1913; durante a primeira guerra (de 1914 a 1918) contraiu-se para somas desprezíveis.³ Advertindo-se que o dólar de 1913 tinha um poder de compra três vezes superior ao de 1950 podemos ver as cifras

3) *Federal reserve bulletin*. August 1920, p. 816

acima em suas devidas perspectivas. Isso é, o valor do capital estrangeiro no Brasil (em dólares de hoje) alcançou a impressionante cifra de 6 (seis) bilhões no começo da primeira guerra, ao passo que o ingresso nos anos citados alcançava a média anual de quase 500 (quinhentos) milhões de dólares!

No lapso que separa o fim da primeira guerra da grande depressão, o Brasil continuou a atrair capital estrangeiro mas suas origens se alteraram significativamente. Ao fim das hostilidades, os Estados Unidos surgiram com uma fonte de crédito internacional o que reflete uma grande alteração do centro de equilíbrio da economia internacional em seu favor. A posição de banqueiro do mundo e de maior supridor de capital para o desenvolvimento passou a pesar sobre os ombros desse antigo campeão do isolacionismo. O surgimento de Nova York como centro financeiro mundial e o declínio relativo de Londres explicam as alterações que irão ocorrer na pauta dos investimentos estrangeiros no Brasil. Os investimentos americanos crescem de mais de 500 (quinhentos) milhões de dólares. Passam de 55, em 1914, a quase 570 (quinhentos e setenta) milhões em 1930, ao passo que os ingleses sobem apenas de 200 (duzentos).

De 1919 a 1930, a economia brasileira (apoiada por fatores externos) continua a progredir. A rede ferroviária (vide Tabela I) se estende por mais de 7.000 (sete mil) quilômetros; a capacidade de energia elétrica cresce a ritmo acelerado. O capital estrangeiro investido continua a crescer embora à taxa mais reduzida, sendo que as exportações continuam sua trajetória para cima. Cresce de 65.000 (sessenta e cinco mil) libras em 1914, para 95.000 (noventa e cinco mil) em 1930. Embora o período de 1880 a 1930 tenha sido de um desenvolvimento econômico prodigioso, advirta-se que o foco geográfico era muito seletivo; a principal região alcançada pelos fatores externos produtores do desenvolvimento foi a centro-sul com ênfase especial dada a São Paulo. Tanto a indústria incipiente como a produção brasileira na agricultura, concentravam-se na região. O centro-sul era responsável por 80% (contribuindo São Paulo com 43%) da produção agrícola em 1926-1930,⁴ com uma percentagem ainda maior em suas exportações. Por igual, as injeções massivas de capital correlacionadas com a construção de ferrovias e centrais elétricas predominavam no centro-sul. Por exemplo, em 1935, três quartos da quilometragem ferroviária estava na região e quase metade da rede localizava-se em dois estados (24% em Minas Gerais e 22 em São Paulo).⁵

O centro-sul fornecia uma percentagem ainda maior de energia elétrica (90%) no ano seguinte. Os maiores centros geradores eram São Paulo (15% da capacidade elétrica do Brasil), Estado do Rio de Janeiro (pouco mais de 1/5) e Minas Gerais (1/8).⁶

4) Ministério das Relações Exteriores — Brasil. *Estatísticas — Recursos — Possibilidades* — Rio de Janeiro — 1937 — pág. 103.

5) *Anuário Estatístico do Brasil*, 1937 — pág. 264.

6) *Ibidem*, pág. 264.

Destarte, de província atrasada que era em 1865, considerada de importância secundária, inferior a Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro e Minas Gerais,⁷ o Estado de São Paulo alcançou uma posição de primazia econômica em 1920, posição essa que detém até hoje.

A DÍVIDA EXTERNA DO BRASIL: FONTES E UTILIZAÇÃO DOS EMPRÉSTIMOS

O colapso do mercado financeiro internacional na *grande depressão* pôs término a um período de mais de um século de expansão da dívida externa do Brasil. Os empréstimos externos, obtidos mediante títulos emitidos pelo Governo, forneceram ao Brasil e outros países latino-americanos uma via importante para a canalização de fundos destinados à formação de capital e desenvolvimento. Convirá a um país tomar empréstimos no exterior, sempre que o lucro líquido dos ingressos (mediante o aumento da renda real) superar-lhes os custos (taxa real de juros). O lucro líquido dependerá dos frutos reais dos projetos financiados pelos empréstimos. O resultado real, ou produtividade de um projeto, por sua vez, depende de haver fatores complementares de produção com que combinar o capital. Acresce que, como a dívida deve ser paga (amortização e juros) na moeda do país que empresta, a nação que o recebe deve aumentar suas exportações para criar a divisa estrangeira necessária.

Aparentemente o Brasil não teve maiores dificuldades para pagar sua crescente dívida externa, em que pese o fato de as taxas de juros reais terem sido, não raro, muito altas. Refere Spiegel que os títulos em libras (vendidos pela primeira vez em 1824) eram emitidos com um deságio de 10% e as em dólares (que começam a ter importância apenas a partir de 1920) de 11%. Estima que, se além do deságio levar-se em conta as comissões, e corretagens, etc., os ingressos reais dos fundos variavam de 80 a 90% de seus valores nominais.⁸ Pesados os prós e os contras, é possível que o Brasil tenha se beneficiado de seus empréstimos externos. Isso porque o grosso deles fluíram para investimentos produtivos como construções de ferrovias, facilidades portuárias, serviços de água e esgotos e outros destinados à urbanização.⁹

Na hipótese de os ingressos procedentes dos títulos ter atingido 85% de seus valores nominais, parece que a taxa real dos juros oscilaria entre 9 e 10%. Considerando-se a rápida expansão da economia nacional e a escassês de capital, seria de surpreender que o valor marginal da produtividade dos projetos em aprêço não sobrepujasse de muito o custo real do empréstimo. O crescimento extremamente rápido da dívida exter-

7) *Facts About the State of São Paulo*, The British Chamber of Commerce of São Paulo and Southern Brazil, 1949, pág. 12.

8) Henry William Spiegel, *The Brazilian Economy* (Philadelphia: The Blakiston Co., 1949) pág. 137.

9) *Ibidem* — pág. 138.

na brasileira proveniente da emissão de títulos, de menos de 200 milhões de dólares em 1880 a quase 1,3 bilhões em 1930, está intimamente associado com a prosperidade cafeeira da nação. A dívida poderia subir e os compromissos resultantes (amortização e juros) aumentar apenas se pudessem ser honrados graças às entradas crescentes oriundas das exportações. Os lucros crescentes das exportações correlacionadas principalmente com as vendas de café eram uma das condições essenciais para que a dívida fosse honrada.

A relação dos compromissos decorrentes da dívida (proporção entre as exportações vinculadas ao pagamento dos juros e amortizações) cresceu gradualmente de 1860 a 1920.¹⁰

1861 — 1864	9%
1890 — 1892	12%
1926 — 1929	15%

A tabela II mostra que a dívida externa brasileira decorrente da emissão de títulos continuou a aumentar de 1914 a 1930. Os títulos em dólares são responsáveis por 370 milhões e os em libras por pouco mais de 200 milhões do total desse aumento que alcançou a cifra de 550 milhões. Os títulos brasileiros de posse de residentes franceses, por outro lado, caíram de quase 50 milhões. Ao apagar das luzes de 1930, o Brasil acumulara uma dívida externa superior a 1,2 bilhões de dólares como se vê abaixo:¹¹

Milhões de dólares

Títulos em libras	805
Títulos em dólares	374
Títulos em Francos	62
Outros	26
TOTAL	1,267.

Pouco mais da metade da dívida pendente constitui-se de compromissos diretos do governo central. O restante era de responsabilidade dos governos estaduais e municipais.

É significativo que as entidades públicas responsáveis pela maior parte dos empréstimos fossem todas da região centro-sul; Estados de São Paulo, Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Prefeituras de São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre.

10) Veja-se Furtado — pág. 157 nota de rodapé 5 para 1861-64 e 1890-92. Para 1926-29 veja-se Dragoslav Avramoric, *Economic Growth and External Debt* (Baltimore: The Johns Hopkins Press, 1964), pág. 46, Table 8.

11) Anuário Estatístico do Brasil, Ano II (1936), Rio de Janeiro, pág. 408.

TABELA II

1914

	DÍVIDA PÚBLICA EXTERNA ¹	INVESTIMENTOS PRIVADOS DIRETOS ²	TOTAL
Reino Unido	598	609	1.207
França	110	391	501
EE.UU.	5	50	55
Outros	4	146	150
TOTAL	717	1.196	1.913

1930

DÍVIDA PÚBLICA EXTERNA ³	INVESTIMENTOS PRIVADOS DIRETOS	TOTAL
806	590	—
62	138	1.396 ⁵
374	194 ⁴	200 ⁵
25	450	568
1.267	1.372	475 ⁵
		2.639

Fonte: 1) Nações Unidas — Departamento dos Negócios Econômicos e Sociais: Financiamento Externo para a América Latina — N. York, 1965 — pág. 16 — Tabela 5.

2) Ibidem. Pág. 17 — Tabela 17.

3) Anuário Estatístico do Brasil — Ano II — 1936 — Pág. 408.

4) Departamento do Comércio — EE.UU. Investimentos americanos na Economia da América Latina — Washington — Pág. 112 — Tabela 3.

5) Estimativas citadas por George Wythe in *Industry in Latin American*. (N. York, Columbia University Press, 1945) Pág. 154.

OS INVESTIMENTOS DIRETOS

A criação de oportunidades para os investimentos estrangeiros no Brasil acha-se intimamente correlacionada com os esforços de Irineu Evangelista de Souza, o Visconde de Mauá, um dos mais célebres empresários brasileiros. Entre 1850 e 1870 promoveu a construção de estradas, e portos e o estabelecimento de fábricas de tecidos e bancos. A participação de subsidiárias e filiais de propriedade de residentes no exterior, no rápido crescimento econômico do Brasil, entre meados do século XVIII e a Primeira Guerra Mundial foi muito pronunciada. Partindo do que se pode ter por uma soma insignificante em 1850, o valor do investimento direto alcançou a cifra impressionante de 1,2 bilhões de dólares em 1914 (o que representa em dólares de hoje em dia quase 4 bilhões!)

A empresa sob controle estrangeiro, nesse período, representou um papel decisivo na construção e operação de estradas de ferro e outros serviços de utilidade pública, além de formar elos vitais financeiros e comerciais que ligariam o Brasil ao resto do mundo.

As empresas estrangeiras e seus correspondentes capitais investidos no Brasil representaram o transbordamento da revolução industrial na Europa e, posteriormente, nos Estados Unidos. Junto com os investimentos diretos vieram novos padrões de julgamento e comportamento. Contrastando com o empréstimo, o investimento direto representa uma combinação de capital, tecnologia e capacidade administrativa. Tudo sob um controle unitário. O investimento estrangeiro direto constitui-se no melhor canal através do qual a capacidade administrativa, técnica e comercial das nações mais adiantadas fluem para as economias menos desenvolvidas. Como diz, W. Arthur Lewis: a técnica de administrar as grandes empresas talvez seja a mais importante das contribuições do exterior.¹² Os investimentos diretos do exterior possuem um alto grau de capacidade de administração: As funções assim administrativas como as inerentes ao direito de propriedade podem ser substancialmente integradas com o país onde se fazem os investimentos. No primeiro caso, dando acesso aos altos postos ao pessoal nacional qualificado; no segundo, promovendo empreendimentos de propriedade comum nacional e estrangeira. Acresce que o empreendimento pode expandir-se graças ao reinvestimento dos lucros no país. Ao contrário do empréstimo, o capital de risco não cria encargos fixos sob forma de juros e amortização. As remessas de lucros tendem a ser flexíveis, variando, de regra, com os azares da economia.

Metade do investimento direto (veja-se tabela II) era de origem britânica (609 milhões de dólares) e um terço francesa (391 milhões). As propriedades britânicas concentravam-se nas ferrovias e utilidades pú-

12) *The Theory of Economic Growth* (Homewood, III.: Richard D. Irwin, Inc. 1955), pág. 258.

blicas. Muitos dos moinhos, indústrias de carne e usinas modernas de açúcar, no Nordeste, eram de propriedade e administração inglesa.

A São Paulo Railway, ferrovia de propriedade britânica, foi, não há duvidar, o fator decisivo (juntamente com o fluxo migratório) da transformação econômica paulista. Em 1867, decorridos 11 anos da concessão obtida para construir e operar a estrada, os engenheiros britânicos completaram o elo que unia o pôrto de Santos à cidade de São Paulo e interior em Jundiá. Os colossais obstáculos naturais que os construtores da estrada tiveram de vencer puzeram na pena de Rudyard Kipling a seguinte frase: "Deve haver países mais adversos aos construtores de estrada. Não os conheço porém. Cada polegada daquelas rampas traiçoeiras conspirava contra o homem".¹³ As fazendas de café espalharam-se pelas novas terras abertas ao mundo pela estrada. Por volta de 1887 quase dois terços do café brasileiro nascia da terra roxa do planalto paulista.

Os investimentos diretos dos franceses concentravam-se, por igual, em ferrovias, constituindo mais da metade (267 milhões de dólares) do total existente em 1914.¹⁴ O capital francês também estava investido em portos, bancos, serviços financeiros e agricultura. Os investimentos diretos alemães começaram a ter importância por volta do fim do século XIX, principalmente no transporte marítimo, comércio e bancos.

A transformação econômica do centro-sul muito deve aos investimentos substanciais da Brazilian Traction Light and Power Co. Ltd. empresa Canadense de significativa participação inglesa e americana. O grupo Light (como é popularmente cognominado) iniciou as operações por volta do início do século, tendo construído o mais importante complexo de energia elétrica do Brasil que serve a populosa área do Rio e São Paulo. Roberto C. Simonsen, o conhecido historiador econômico do Brasil, escreve a respeito dos projetos do grupo Light no planalto paulista em que colaboram conhecidos técnicos americanos: "a formação de uma grande represa na Serra do Mar, mediante a barragem dos rios que corriam para o interior e a canalização dessa massa de água através das rampas de Cubatão representa uma obra magnífica que, acima de tudo honra os técnicos que a conceberam e os engenheiros que a executaram. Essas obras possibilitaram a São Paulo obter energia hidráulica suficiente para abastecer um parque industrial três vezes superior ao atual, rasgando novos horizontes para inúmeros empreendimentos".¹⁵

Além de gerar e distribuir energia elétrica, o grupo Light ainda dirigia companhias telefônicas, de gaz e de transportes urbanos nas três maiores cidades brasileiras, para não mencionar outras menores.

13) *Facts About the State of São Paulo*, 1949, pág. 50.

14) Nações Unidas — Departamento para os Negócios Econômicos e Sociais — *Capital Estrangeiro na América Latina* — N. York 1955 — pág. 52.

15) *Brazil's Industrial Evolution*, Separata da Revista "Brazil Today" distribuída pelo Escritório Comercial do Governo Brasileiro — 1939.

Após a Primeira Guerra Mundial, os investimentos estrangeiros continuaram a fluir para o Brasil. Mas suas origens alteraram-se substancialmente. Como se vê na Tabela II, os investimentos britânicos continuaram virtualmente os mesmos; os franceses diminuíram sensivelmente; caíram de 400 milhões, em 1914, para 140 milhões de dólares em 1930 os americanos aumentaram rapidamente (de 50 para quase 200 milhões de dólares) e os investidores de "outras" nações aumentaram seu controle acionário de 200 por cento (de 146 milhões de dólares para 450). O capital canadense (estimado em 100 milhões) e europeus, que não ingleses e franceses, (estimados em 300 milhões) são os responsáveis pela parte predominante dos investimentos diretos incluídos nas "outras" categorias em 1930.¹⁶

As empresas americanas que, até então, preteriram o Brasil em favor de Cuba, México e América Central começaram a interessar-se cada vez mais por este país como campo de investimentos na década dos vinte. Os investimentos das empresas americanas, suas subsidiárias e filiais fluíram para diversas atividades, principalmente a de utilidades públicas, indústrias de transformação e distribuição de petróleo. Os belgas contribuíram para impulsionar a nascente indústria pesada fundando em 1921 a Companhia Siderúrgica Belgo Mineira. Essa empresa durante anos produziu a maior parte dos lingotes de ferro e laminados.¹⁷

IMIGRAÇÃO

A corrente migratória para o Brasil acentuou-se em 1880 tendo contribuído substancialmente para a transformação econômica do país. Entre 1887 e 1936 o Brasil recebeu mais de 4 milhões de imigrantes que compreendia principalmente italianos (1.353.731), portugueses (1.147.841), espanhóis (576.825), alemães (154.999), japoneses (177.304) e russos (107.170).¹⁸

Considerando que, em sua maioria, a corrente era economicamente ativa, tendo sido educada em seu país de origem, infere-se que o Brasil recebeu um fluxo massivo de capital humano.

A maioria estabeleceu-se na zona temperada do centro-sul, começando a vida como colonos, pequenos proprietários agrícolas independentes, artífices, artesões ou vendedores intermediários. Em virtude do contato que tinham tido com a cultura européia mais avançada que a brasileira, trouxeram para o país novas atitudes, novas técnicas, novos pontos de vistas. A população imigrante assimilada parcialmente intro-

16) George Wythe, *Industry in Latin America* (N. York: Columbia University Press, 1945), pág. 154.

17) Henry William Spiegel, *Op. Cit.*, pág. 149.

18) Ministério das Relações Exteriores — Brasil — *Estatísticas, recursos, possibilidades* — Rio de Janeiro — 1937 — pág. 36.

duziu a fazenda familiar e os sistemas modernos de aragem do solo, no sul do Brasil. Organizaram novas empresas comerciais e industriais e forneceram o núcleo da mão-de-obra e altos funcionários especializados. Eles e seus descendentes formaram os alicerces de uma crescente classe média; criaram os alicerces da industrialização e democracia.

Emilio Williams, cuja obra acabada sobre a imigração brasileira é por demais conhecida, escreve acerca de sua contribuição especial para o desenvolvimento brasileiro:

“Também foram portadores de atitudes econômicas raras de encontrar no velho tronco luso-brasileiro. Como lavradores produziam para vender e não para subsistirem. Como cidadãos tendiam a tornarem-se empresários, prontos a assumir riscos e combinar a capacidade administrativa com o conhecimento técnico”.¹⁹

Espraiando-se a economia cafeeira pelo planalto de São Paulo, em 1870, a escassês de mão-de-obra, na província, tornou-se crítica. Os responsáveis reagiram adotando uma política destinada a atrair um grande número de imigrantes estrangeiros. As medidas tomadas deram bons resultados como se verifica pelos algarismos a seguir:²⁰

<i>População Total</i>		<i>População Estrangeira</i>
1872	837.000	30.000
1920	4.592.000	843.000

Em que pese o fato de representarem cerca de 1/5 da população paulista em 1920, os imigrantes e seus descendentes contribuíram para o desenvolvimento econômico do estado muito além do que se esperaria de sua proporção numérica.

As provas parecem bastante fortes. Foram os imigrantes e seus descendentes que perceberam com maior acuidade as oportunidades industriais abertas pela prosperidade do café, surto ferroviário e expansão dos centros urbanos. Foram um fator decisivo para a incipiente revolução industrial do Brasil. Uma amostragem colhida por Willems, em 1935, revela que de um total de 717 empresas industriais paulistas, 521 eram de propriedade de imigrantes ou seus descendentes.²¹ Um estudo de Warren Kempton Dean confirma a ilação: de um total de 34 empresas têxteis paulistas existentes em 1917, 27 eram de propriedade de imigrantes.²² Uma investigação mais recente de Willems, baseada numa amostragem aleatória, colhida em 1950, revelou que 85 por cento das atividades indus-

19) “Brazil”, in Arnould M. Rose (ed.), *The Institutions of Advanced Societies* (Minneapolis: University of Minnesota Press, 1958), pág. 545-6.

20) *Facts About the State of São Paulo*, pág. 23.

21) “Brazil”, *Loc. cit.*

22) São Paulo's Industrial Elite, 1890-1960 (Tese de Doutorado defendida na Universidade de Flórida — 1964 — não publicada).

triais da área metropolitana paulista estava em mãos de grupos étnicos não brasileiros ou luso-brasileiros.²³ A participação dos diferentes grupos étnicos nessas atividades compreendia 48% de italianos, 10% de alemães, 5% de sírio-libaneses e 21% de outros, constituídos principalmente de americanos, ingleses, israelitas orientais e franceses. Obtiveram-se resultados análogos nos estados ao Sul de São Paulo. No Rio Grande do Sul e Santa Catarina, em 1950, 85% das empresas industriais eram de propriedade de imigrantes não portugueses.

A DINAMICA DO SETOR EXPORTADOR

Conclui Celso Furtado que o Brasil sofreu uma tendência baixista em sua renda *per capita* na primeira metade do século XIX, de sorte que por volta de 1850 atingiu "um ponto mais baixo que o da era colonial, considerando as várias regiões em seu todo".²⁴ A ausência de fatores econômicos dinâmicos, nacionais ou internacionais manteve a economia num baixo nível de equilíbrio. Qualquer desenvolvimento da economia brasileira encontrava-se bloqueado pelas condições internas (renda *per capita* extremamente baixa de sua pequena população) e a impossibilidade de vender açúcar e algodão, exportações tradicionais do Brasil, em concorrência com outros fornecedores.

A introdução e o desenvolvimento da agricultura cafeeira no Brasil deu impulso a uma nova era de prosperidade do setor exportação. Entre 1830 e 1930 a economia nacional tomou, novamente, o ramo ascendente enquanto o café brasileiro penetrava na economia mundial mediante a expansão de linhas de comércio internacionais. Mediante uma feliz combinação de topografia, clima e solo, o Brasil alcançou prontamente uma vantagem comparativa na cultura cafeeira do que resultou uma posição virtualmente monopolista nos mercados internacionais. As primeiras plantações localizavam-se próximas ao Rio de Janeiro; o transporte por tropa impunha severas restrições no que entendia com o limite máximo da localização e fazia que as áreas de cultivo se agrupassem nas vizinhanças do porto. Os empreendimentos cafeeiros puderam, inicialmente, contar com a reserva de mão-de-obra subempregada que se acumulou na região das antigas minerações. Continuando a expansão, desapareceu o excesso de mão-de-obra. Surge então, como grande problema, nos últimos anos do século XIX, a oferta inadequada da força de trabalho.²⁵

A grave escassês de mão-de-obra, par a par com a destruição da fertilidade da terra, utilizada no período inicial da expansão cafeeira

23) Emílio Willems, "Brazil", *The Positive Contribution of Immigrants*, UNESCO, 1955, pág. 133 — Tables 23 and 24.

24) Celso Furtado, *The Economic Growth of Brazil: A Survey from Colonial to Modern Times* (Berkeley: Un. of California Press, 1965), pág. 118.

25) *Ibidem*, see chapter 24.

ameaça o desenvolvimento do principal produto de exportação, do país. Sanou-se o problema da mão-de-obra assim que o Governo imperial decidiu-se a subsidiar o fluxo de imigrantes europeus para o centro-sul. Por outro lado, o que é igualmente importante, o problema da exaustão do solo foi resolvido pela construção de ferrovias. A energia a vapor, mais barata, substituindo-se à humana e animal possibilitou a incorporação de terras mais distantes à economia cafeeira. Mantém-se e acelera-se o ritmo da expansão da economia brasileira mediante a confluência de três fatores externos: a grande corrente migratória externa, o capital e assistência técnica estrangeira, associadas à construção de ferrovias, e a contínua demanda mundial de café.

Daí por diante o centro da produção cafeeira desloca-se para o planalto Paulista. Graças à concentração de imigrantes nesse estado, a abolição de 1888 não têm maiores conseqüências na economia cafeeira: o trabalho assalariado sobrepuja de muito o do braço escravo.

As exportações do café brasileiro sobe violentamente. Passa de 53 milhões de sacas (136.000 libras) na década de 1881-1890 para 140 milhões (561.000 libras) na de 1929-30.²⁶ A proporção do café no valor total das exportações brasileiras flutua, a grosso modo, entre 50 e 70%, no período de 1850-1930. A nação detém virtualmente o monopólio mundial do produto. Exemplificando: de 1901 a 1915, cabia ao Brasil três quartos da produção mundial; na década dos vinte, dos meados do século XIX até 1930, cerca de 2/3.

Notamos que o Brasil seguiu um padrão de desenvolvimento orientado para o exterior. Na organização como na estrutura, o Brasil, na época, era o que os economistas denominam uma "economia de exportação". As características dessa economia são: uma alta percentagem das exportações em relação ao volume das vendas, uma estrutura concentrada na exportação; um fluxo de capital a longo prazo substancial, o que implica a presença de empresas de propriedade estrangeira e uma alta propensão marginal a importar.²⁷ De regra, em tais economias uma das fontes tributárias mais importante é a tarifa aduaneira. Para o Brasil foram as exportações que se constituíram na variável dinâmica autônoma que lhe impulsionou o desenvolvimento. O setor cafeeiro, por longos anos foi o setor crescente da economia. Foi, por igual, a grande causa das crises de curto prazo. O só peso das exportações, em relação à atividade econômica de todo o país, já nos diz que, mais que o investimento privado ou as despesas governamentais, foram elas que tiveram influência preponderante na formação da demanda agregada. Em virtude da estrutura altamente especializada o Brasil dependia em grau elevado das fontes externas para muitos bens de consumo e produção. Por exemplo,

26) Ministério das Relações Exteriores: Brasil — Levantamentos econômicos-social e geográfico (Rio de Janeiro — 1940 — pág. 98.

27) Gerald M. Meir, *International Trade and Economic Development* (N. York and Evanston: Harper and Row, 1963), pp. 5-6.

em 1913 quase tudo quanto a nação exigia em matéria de ferro, aço, carvão e cimento era importado; o mesmo se dava em relação aos tecidos de lã (80%), cerâmica, louça, porcelana (35%) e forragens para gado (30%).²⁸

Em 1913, os Estados Unidos já eram o mais importante comprador de produtos brasileiros, absorvendo-lhe dois terços da produção. A Alemanha e Grã-Bretanha, em comparação, adquiriam pouco mais que um oitavo dos produtos brasileiros. O Reino Unido, contudo, era ainda o maior fornecedor, contribuindo para um quarto de suas importações totais, seguido da Alemanha (que fornecia 18%) e os Estados Unidos (13%). Uma década e meia mais tarde, em 1928, os Estados Unidos aparecem como o líder do comércio com o Brasil, adquirindo-lhe quase a metade das exportações e fornecendo-lhe mais de um quarto das importações.

SUMARIO E CONCLUSÕES

O coração econômico do Brasil, a região centro-sul foi inicialmente transformada e modelada pelo mercado internacional de bens, capital e trabalho. A região oferecia a base de recursos naturais e mão-de-obra não especializada; o resto do mundo supria grande parte do capital, *know-how* técnico e empresariedade.

O capital estrangeiro teve um papel decisivo no que diz com a construção e operação de ferrovias, centrais elétricas, infraestrutura urbana e formação dos elos vitais financeiros e comerciais que o ligaram ao resto do mundo. As empresas estrangeiras e os capitais que lhes eram associados representaram o transbordamento das revoluções industriais que surgiram na Europa e, posteriormente, nos Estados Unidos. A corrente migratória que se dirigiu para a região centro-sul do Brasil tomou impulso em 1830 contribuindo marcadamente, para o desenvolvimento social e econômico do país. Os imigrantes, parcialmente assimilados, introduziram técnica avançada e métodos de organização aumentando destarte a capacidade nacional de absorver capital e explorá-lo com mais eficiência.

Entre os meados do século XIX e 1930, a economia brasileira esteve em fase ascendente quando o café dava o impulso a uma era de prolongada prosperidade do setor das exportações.

Os empréstimos levantados no exterior, mediante emissão de títulos nos mercados financeiros mundiais, constituíram-se numa importante forma de canalizar recursos para a formação de capital no Brasil

28) Frederic William Ganzert, "Industry, Commerce and Finance", in Lawrence Hill (ed.), *Brazil* (Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1947), pág. 256.

e seu desenvolvimento econômico. O extremamente rápido crescimento da dívida externa do país decorrente da emissão desses títulos está intimamente correlacionado com a economia cafeeira internacional. A crescente exportação do café (em valor como quantidade) pode traduzir-se num volume crescente de importações que expandiu a capacidade do Brasil de honrar sua dívida externa e remeter lucros. Desta forma, as exportações, os empréstimos no exterior, o influxo de investimentos diretos e a imigração, tudo foram fatores interdependentes e intercausadores. O sistema repousava precariamente sobre o preço mundial do café brasileiro.

As precondições para a subsequente revolução industrial do centro-sul: energia elétrica abundante, facilidades de transporte e comunicações, recursos empresariais e de mão-de-obra e centros urbanos importantes, tudo foi criado, em grande parte, entre 1880 e 1930.